

O livro de Maurício Vinhas de Queiroz tem assim o equilíbrio exigido à obra científica, pois, além da descrição lúcida e homogênea dos fatos sucedidos nos sertões do Paraná e Santa Catarina, apresenta um coerente esforço teórico que garante o entendimento do sucedido.

Acompanha uma lista de fontes utilizadas por capítulo, uma relação bibliográfica em separado quanto a Livros e Artigos, Depoimentos, Processos Judiciários e Inquiridos, Documentos e Manuscritos e Jornais, além do índice Toponômico e Dramatic Personal. — SILVIO COELHO DOS SANTOS.

RICCI. Angelo, Gullhermino CÉSAR e Valério ROHDEN — *Benedetto Croce*. Pôrto Alegre, Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1966, 79 pp.

Três conferências, agora reunidas em volume, foram pronunciadas na Faculdade de Filosofia da UFRGS para comemorar, em 1966, o centenário do nascimento de BENEDETTO CROCE. Na primeira delas, Angelo Ricci lembra a dificuldade de sintetizar os ensinamentos do filósofo italiano, por abarcarem todos os campos do conhecimento (literatura, economia, política, história). Situando historicamente o autor, que surge na Itália num momento de crise da cultura européia, A.R. analisa "O Pensamento Filosófico e Estético de Benedetto Croce". Assim, aproxima-o de Vico e nega sua filiação a Hegel, baseado na oposição entre a "idolatria fetichista do puro dado científico e mecânico" (p. 17), em vigor na época, e a primazia absoluta que o filósofo atribuía ao Espírito. Croce, segundo o A., parte da revalorização do homem através da arte, o que nos leva ao estudo de seu pensamento estético, pois Estética deve ser compreendida como teoria da arte. A.R. esclarece então quais os elementos fundamentais dessa teoria, evidenciando os aspectos intuição e expressão; discutindo problemas de técnica e linguagem. divisão em gêneros literários e artísticos, e distinção entre prosa e poesia. Concluindo, enumera outros termos da estética de Croce, acentuando o çunho dinâmico de seu sistema e seu significado, não só para a cultura contemporânea, como para a de nossos dias.

Gullhermino César preocupa-se em definir o "Pensamento e Ação de Benedetto Croce", salientando inicialmente, o primeiro mérito de seus escritos, que é a linguagem dinâmica e emotiva que os caracteriza. Acentua o A. o aspecto personalíssimo da teoria que o filósofo italiano desenvolveu e aperfeiçoou — mais uma de suas características — durante toda a sua vida. Destruindo mitos, revolucionando as concepções de seu tempo, Croce define-se principalmente pelo caráter dinâmico que imprime a seu sistema (um fato é sempre um "devir", "um processo histórico"; a arte não é uma "abstração", é "vida", "ato existencial") e pela primazia que atribui ao Espírito, o que o torna, antes de tudo, um humanista, alicerçado nos princípios da liberdade.

Investigando "O Conceito de Linguagem em Benedetto Croce", Valério Rohden explica em que sentido o filósofo representou um avanço nos estudos lingüísticos, seguindo a linha de Vico e De Sanctis, e rompendo com as concepções tradicionais de linguagem. O problema é discutido minuciosamente pelo A., sobretudo no que se refere à "linguagem da arte", à "essência da linguagem geral" e à "relação entre conhecimento e linguagem". Identificando arte e expressão, pois arte criada deixa de existir, Croce identifica também arte e linguagem. A linguagem seria compreendida, em sua essência, como um fenômeno espiritual, cuja característica primeira seria a unidade e a concretização na expressão (qualquer que seja ela, pois não se distingue a linguagem "bela" da linguagem cotidiana). Este caráter representativo é fundamental, pois é ele que nos leva ao problema do conhecimento, que, por sua vez, também só se realiza na expressão, e expressão lingüística. É, pois, na linguagem, que Benedetto Croce centraliza as discussões

dos problemas humanos, chegando a ponto de permitir que se diga que "é graças ao fato de o homem ser linguagem que o mundo pode revelar o seu sentido." (p. 79) — NEUSA PINSARD CACCESI.

CESAR, Guilhermino, Donald SCHULER e Flávio Loureiro CHAVES — *Euclides da Cunha*. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1966, 106 pp.

Em comemoração ao centenário do nascimento de Euclides da Cunha, a Faculdade de Filosofia da UFRGS publicou, em conjunto, três artigos sobre o escritor, indicando ao estudioso os mais variados caminhos para a análise de sua obra. No primeiro deles — "A visão prospectiva de Euclides da Cunha" — Guilhermino César sintetiza alguns problemas essenciais que envolvem a compreensão d'OS SERTÕES. Partindo da idéia de que a obra canaliza as várias correntes do pensamento de fins do século XIX, ao mesmo tempo que reflete a evolução que sofreu a literatura brasileira, no que se refere à maneira de enfocar o sertão e o sertanejo, o A. val buscar em nosso passado literário os romancistas que se ocuparam do tema. Nesse sentido, ressalta a evolução que representou O ERMITÃO DE MUQUÊM, de Bernardo Guimarães, comparado com o sertanismo de José de Alencar, por exemplo (idealização romântica do sertanejo). Depois de percorrer o caminho que, literariamente, permitiu o aparecimento d'OS SERTÕES, G.C., da maneira clara e agradável que caracteriza seu estilo, realiza igual pesquisa no campo político-social e histórico. A seguir, esclarece de que maneira a formação literária e a educação de Euclides da Cunha contribuíram para que tivesse tal percepção de nossa realidade sertaneja.

Concluindo, o A., que discutira teses de alguns estudiosos de nosso escritor, coloca no estilo de Euclides a maior força de sua obra. Sem esquecer que Euclides é uma espécie de "monstro sagrado" sobre o qual muito se fala (e pouco se diz), justifica seu ponto de vista com várias passagens da epopéia, batendo-se pelo caráter barroco do estilo de OS SERTÕES, que, sem deixar de ser objetivo, prima pelo aspecto visual e pela comunicabilidade e encantamento, apesar de não se ter "desaristocratizado". Para G.C., Euclides não foi um "saudosista", mas "contemplou o Brasil em perspectiva"; acreditando no futuro, no amanhã do Brasil, "constrói uma esperança", a qual, forçosamente, teremos que concretizar (p. 53).

Em "OS SERTÕES — uma visão antitética da realidade", Donald Schuler centra sua atenção sobre o homem de Euclides, fazendo um paralelo entre o civilizado e o primitivo, tal como o compreendeu o escritor, com sua concepção determinista. Assim sendo, enumera minuciosamente uma série de aspectos contrastantes aproveitados pelo autor para delinear sua tese. Motivado por uma antítese, parte Euclides para o sertão, onde encontrará outras antíteses mais violentas, representadas pelo próprio caráter do sertanejo e por seu confronto com o homem do litoral e do sul do país; exemplifica com os coronéis da campanha contra Canudos, eles também antíteses vivas; opõe o grupo ao indivíduo; a terra ao homem, acabando por personificar em Antônio Conselheiro a antítese mais violenta, pois foi ele que levou, com sua passividade, jagunços e soldados à luta mais cruenta. Lembrando que a antítese mais profunda permanece depois de Canudos — o Brasil continua dividido — D.S. afirma que OS SERTÕES são uma obra de denúncia e contém mensagem válida ainda em nossos dias: a da integração, opondo-se à "solução irracional do aniquilamento". (p. 91).

"OS SERTÕES: da crise à tragédia", de Flávio Loureiro Chaves, analisa os aspectos da obra que a enquadram no estilo literário da época — Realismo-naturalismo —, partindo da oposição entre o herói de Euclides e os heróis clássicos ou românticos. Indagando, a seguir, do valor literário da obra, F.L.C. conclui por sua universalidade, pois Euclides soube superar o que a crise de Canudos tinha